

“Como o jornalismo literário aliado ao jornalismo científico pode potencializar a divulgação da ciência”

“How can journalism combined with scientific journalism enhance the dissemination of science”

RESUMO

Diante da crise que afeta a ciência nacional, a divulgação científica emerge como uma alternativa para reiterar a indiscutível importância das pesquisas para a sociedade. Nesse sentido, o Jornalismo Literário (JL), através de suas técnicas, pode ser utilizado como uma importante ferramenta para atrair os mais diversos leitores ao universo científico. Por isso, o objetivo deste artigo foi estudar, por meio de revisão bibliográfica e de três entrevistas com especialistas, como o JL, aliado ao Jornalismo Científico, pode contribuir para aumentar o interesse e o entendimento da sociedade sobre a ciência no Brasil. No trabalho, foi observado que o JL atua com grande eficiência para tornar a ciência mais atraente aos olhos de quem ainda se encontra distante de seu mundo, colaborando para aproximar o leitor comum de temas considerados mais complexos, mas extremamente relevantes ao público em geral.

Palavras-chave: Jornalismo; Jornalismo Científico; Jornalismo Literário.

ABSTRACT

Faced with the crisis that affects national science, scientific dissemination emerges as an alternative to reiterate the undisputed importance of research to society. In this sense, Literary Journalism (JL), through its techniques, can be used as an important tool to attract the most diverse readers to the scientific universe. Therefore, the objective of this article was to study, through a bibliographical review and three interviews with experts, how JL can contribute to increase the interest and understanding of society about science in Brazil. In the work, it was observed that JL works with great efficiency to make science more attractive in the eyes of those who are still far from their world, collaborating to bring the common reader closer to subjects considered more complex, but extremely relevant to the general public.

Keywords: Journalism; Scientific Journalism; Literary Journalism.

INTRODUÇÃO

O jornalismo tem a missão de levar ao público, independentemente por qual meio ou plataforma, informações sobre os mais diversos assuntos, abrangendo todas as editorias que o compõem. Nesse leque de temas, a divulgação da ciência merece destaque, pois, além de colaborar com a formação de uma cultura científica no país, é vista por alguns especialistas como uma forma de prestação de contas das instituições públicas de pesquisa com a sociedade.

Mas, para que as pessoas identifiquem que a C&T fazem está presente em seu cotidiano, gerando impacto em suas vidas, é preciso que a informação divulgada chegue a elas com qualidade, possibilitando que seja interpretada e compreendida. Para que essa comunicação se concretize, entra em cena o jornalismo científico, gênero jornalístico responsável por informar conteúdos do campo de ciência e tecnologia. A modalidade é capaz de aprofundar os conhecimentos sobre determinada área, estimular o pensamento crítico, propor debates com a apresentação de controvérsias, além de fomentar discussões pertinentes sobre assuntos de impacto na sociedade, como saúde, medicina, meio ambiente, entre outros.

A efetivação dessa comunicação entre os produtores de C&T e a sociedade, com a intermediação do jornalismo científico, se torna possível, uma vez que a modalidade busca explicar de forma mais clara ao público em geral a linguagem acadêmica das pesquisas, comumente utilizada por cientistas que, muitas vezes, contém termos ou jargões técnicos difíceis de serem explicados para quem não é da área. Aprofundando-se ainda mais no jornalismo, podemos dizer que nem todos os profissionais do ramo estão preparados para elaborar, simultaneamente, um texto informativo e atraente que seja capaz de captar a atenção do leitor, ouvinte ou telespectador. Uma reportagem sem fluidez, rígida, com informações incompletas ou incompreensíveis pode gerar efeito reverso e afastar ainda mais um público com potencial para consumir o conteúdo.

Pesquisas recentes apontam que o brasileiro quer conhecer mais sobre ciência, mas ainda sabe pouco sobre ela e, por isso, é primordial encontrarmos meios para garantir que a informação chegue com clareza e esteticamente interessante ao consumidor de notícias. Uma área que pode contribuir nesse contexto é o Jornalismo Literário, modalidade que aplica recursos da literatura no texto jornalístico e é objeto de estudo deste trabalho em que avaliamos seu poder de impacto dentro do escopo da divulgação científica, bem como os efeitos que sua prática pode provocar nos leitores. Para desvendar e explicar as questões

propostas neste artigo, foram utilizados dois formatos de apuração: pesquisas bibliográficas e entrevistas.

Entre a bibliografia consultada para a realização do estudo estão livros, trabalhos acadêmicos, apresentações em eventos científicos e publicações em sites especializados. Já os personagens escolhidos para as entrevistas foram definidos a partir do meio de atuação de cada um, visando compreender como a relação entre jornalismo literário e divulgação científica é vista de três diferentes perspectivas: academia, mercado e instituição de pesquisa. Dessa forma, os entrevistados selecionados foram: Edvaldo Pereira Lima – considerado um dos principais ícones do Jornalismo Literário no Brasil. É jornalista, professor aposentado da Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA), criador de métodos de escrita criativa e fundador da extinta Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL). Denise Casatti é jornalista, mestre em jornalismo literário pela ECA, e atualmente trabalha como analista de comunicação do Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação (ICMC) da USP em São Carlos, onde frequentemente utiliza técnicas literárias para divulgar ciência. Bernardo Esteves é jornalista e atualmente trabalha como repórter da Revista Piauí, um dos principais veículos de comunicação do Brasil que utiliza técnicas do Jornalismo Literário em suas divulgações.

A ARTE DE DIVULGAR CIÊNCIA

Segundo Lima (2008), Jornalismo Científico (JC) é uma modalidade do jornalismo responsável pela cobertura de assuntos relacionados à ciência e tecnologia, que são temas vistos com frequência na mídia, em cadernos e páginas especiais. A divulgação das duas áreas vai além dos muros das universidades, tornando-se acessível à população em geral, via veículos de comunicação.

A enquête produzida em 2015 pelo Centro de Gestão em Estudos Estratégicos (CCGE) por encomenda do antigo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), revelou grande interesse da população pelo tema. 61% dos respondentes disseram ter interesse por C&T. O resultado derruba as teses correntes nos meios científicos, educacionais e midiáticos de que os brasileiros não são atraídos por essas áreas. No entanto, o elevado interesse não se reflete em grande conhecimento e informação sobre a temática, já que 87% dos entrevistados não souberam informar o nome de nenhuma instituição científica do país, enquanto 94% deles não conhecem o nome de nenhum cientista brasileiro. O resultado, talvez, seja reflexo da falta de

mecanismos eficientes de divulgação científica no país.

Segundo Oliveira (2002), mesmo com a inegável fragilidade socioeconômica de grande parte da população brasileira, é fundamental defender a necessidade de divulgar C&T porque existe no Brasil uma demanda não atendida. De acordo com a autora, o direito à informação, destacado na Declaração Universal do Direitos Humanos, divulgada pela ONU em 1948, por si só justificaria a necessidade de divulgar ciência e tecnologia para o grande público como forma de socialização do conhecimento. No entanto, outros fatores também reforçam essa importância. O grau de desenvolvimento científico e tecnológico dos países, por exemplo, pode estar diretamente associado à melhoria de sua qualidade de vida. Além disso, a maior parte dos investimentos em C&T é oriunda dos cofres públicos, ou seja, da própria sociedade para quem devem retornar os benefícios resultantes de tais investimentos. A partir dessas justificativas, conclui-se que o acesso às informações sobre C&T é fundamental para o exercício da cidadania e, portanto, para o estabelecimento de uma democracia participativa, na qual grande parte da população tenha condições de influir, com conhecimento, em decisões políticas ligadas a C&T. O jornalismo científico de qualidade deve demonstrar que trabalhar na área é, acima de tudo, uma atividade estritamente humana com implicações diretas nas atividades socioeconômicas e políticas de um país. Por isso, de grande interesse para o jornalismo e para a sociedade.

Como conta Bonanno (2015), a história da divulgação científica começa entre o fim do século XIV e início do século XVII, quando a Europa passava pelo "Renascimento", um importante movimento artístico, cultural e científico que marcou a passagem da Idade Média para a Idade Moderna. Nesse período de transição, a razão passou a ser um dos principais objetivos daqueles que pretendiam desvendar os grandes mistérios do mundo físico, sempre explicados pela Igreja como intervenção divina. Na Idade Média, muitos cientistas buscavam conhecimentos através da leitura de livros, sendo que estes ficavam restritos, principalmente, aos monges e teólogos católicos. No Renascimento, a produção de conhecimento era buscada por meio técnicas de experimentação, observação e comprovação.

Segundo Burkett (1990, *apud* BONANNO, 2015), é durante esse período de renascer da ciência que surge a divulgação científica. Mesmo com forte censura da Igreja e do Estado, alguns cientistas já se encontravam, às escondidas, no início do século XVI, em várias cidades, para informar uns aos outros sobre suas descobertas relativas à nova filosofia natural. Foi como consequência a esse tipo de divulgação que surgiu, então, o jornalismo científico, atribuído ao inglês Henry Oldenburg, secretário da Royal Society. Com a Revolução

Industrial na Europa, que marcou o final do século XVIII e o começo do século XIX, a ciência passou a caminhar para sua profissionalização. Mesmo que tenha sido um período de muitas invenções científicas, como o barco a vapor, o telégrafo e o telefone, houve pouco espaço para a divulgação dessas descobertas nos jornais devido aos interesses dos editores da época, que eram direcionados a políticas partidárias. Um dos primeiros marcos da divulgação científica no Brasil foi a criação da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em 1948. Idealizada pelo jornalista José Reis, a entidade congrega, até hoje, as principais sociedades científicas do país. Assim como sua atuação para criar a SBPC, o trabalho de José Reis também merece destaque na popularização da ciência. Considerado um dos precursores do jornalismo científico no Brasil, ele começou a publicar artigos e folhetos sobre ciências, para o público não especializado, em 1932. O jornalista ficou conhecido como J. Reis, por causa da sua coluna semanal na Folha, onde começou a trabalhar em 1947 e ficou até a sua morte, em maio de 2002. Destacam-se ainda, no currículo de Reis, a fundação da revista *Ciência e Cultura*, em 1949, e a fundação da Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC), em 1977.

Oliveira (2002) relembra que, em 1973, a Folha lançou a editoria Educação e Ciência, aprofundando a cobertura do tema, e em meados da década de 1980, tornou-se o primeiro jornal da América Latina a publicar uma página diária de ciência. A autora conta em sua obra que outros grandes eventos internacionais que contribuíram para o aumento de interesse da mídia brasileira pela cobertura de temas científicos foram a passagem do Cometa Halley, a descoberta da supernova de Shelton, da supercondutividade, o anúncio não confirmado da fusão a frio e as questões ambientais na década de 80. A criação de novas revistas sobre ciência na época reforça o desenvolvimento do jornalismo científico no Brasil. Além da *Ciência Hoje*, da SBPC, a Editora Abril lançou a *Ciência Ilustrada*, em 1981. Em 1990, a Editora Globo lançou a revista *Globo Ciência*, hoje *Galileu*, e, no mesmo ano, a Abril lançou a *Superinteressante*. Em 1999, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) lançou a *Revista Pesquisa FAPESP*, mesmo ano em que o Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Unicamp criou a *Revista digital ComCiência*. Em 2002, a *Scientific American*, uma das mais tradicionais revistas internacionais de divulgação científica, lança uma versão em português no Brasil.

A partir do século XXI, a cobertura sobre ciência e tecnologia começa a se adaptar às novas vertentes e plataformas do jornalismo, como a internet que, segundo Lage (2006), universalizou e ampliou o tráfego multipolar da informação. Para Bonanno (2015), embora o espaço seja menor para todas

as editorias, a divulgação científica seguiu ocupando parte das páginas dos jornais e revistas. Além disso, os vídeos sobre ciência, tecnologia e saúde foram contemplados pelas belezas das novas imagens das TVs digitais.

A LITERATURA POR TRÁS DA NOTÍCIA

Segundo Lima (2014), Jornalismo Literário (JL) é uma modalidade que une a essência jornalística à literatura, caracterizando um estilo diferenciado de prática da reportagem e do ensaio jornalístico, independentemente de sua editoria, que carrega como propósito proporcionar uma compreensão ampliada da realidade. O autor afirma que o JL não é a forma de jornalismo mais popular, nem a mais constante na imprensa e, por isso, pode-se dizer que é bem diferente dos modelos convencionais praticados no mercado que se restringem a disseminar apenas a informação genérica dos acontecimentos. O jornalismo tradicional possui um modo padrão de retratar uma notícia, que reproduz qualquer acontecimento de um modo simplificado, com seus elementos básicos que buscam responder: o que aconteceu, quem está envolvido no acontecimento, onde aconteceu, quando e de que modo. Já o Jornalismo Literário, apesar de compartilhar do mesmo propósito do jornalismo convencional que é o de comunicar fatos, possui uma maneira particular de cumprir essa missão. Abaixo, podemos observar um exemplo exibido por Lima em sua obra, o qual mostra trecho extraído do texto «Bom-dia, Meu Nome é Sheila: Como Vencer no Telemarketing e Ganhar um Vale-coxinha», de Vanessa Bárbara. Acompanhe:

Bom-dia, meus guerreiros!”, ataca o professor Isaac Martins. Ele não admite alunos sonolentos. “Para ser grande profissionalmente, você precisa estar na tomada. Toda vez que eu disser ‘todo mundo ligado’, é pra bater uma palma e dizer ‘Hai!’” Como os samurais”. A turma inteira responde “Hai!” É o primeiro dia do curso Operação de Telemarketing. Pela participação, Fagner já ganhou quatro bombons. “Vou sair daqui e vender”, diz. “Pelo telefone”, completa um colega. (BÁRBARA, 2006, Apud LIMA, 2014)

Analisando o texto sobre a divulgação de um curso para atendentes de telemarketing, é possível identificar o uso da construção de “cenas” ao leitor, técnica comumente utilizada pelo Jornalismo Literário que, ao invés de contar indiretamente o que aconteceu, mostra, por meio da descrição de personagens e ambientes, assim como faz a literatura. É mais do que simplesmente passar uma informação, ao criar a cena, o autor/jornalista coloca o leitor dentro do acontecimento, faz com que o ele viva o que o repórter presenciou, além

de reproduzir o clima de como as coisas aconteceram. Outra técnica muito utilizada em reportagens do gênero é a metáfora, figura de linguagem que utiliza analogias ou extensões de sentido, para explicar determinado conceito, informação ou conteúdo, promovendo uma compreensão simbólica e enriquecendo a qualidade narrativa da matéria. O Jornalismo Literário ainda é capaz de transmitir uma informação contanto histórias, de modo elegante, bem articulado e com uma organização textual eficiente, do ponto de vista de comunicação, e atraente, do ponto de vista estético. Os textos não evitam a emoção, como acontece muitas vezes no jornalismo convencional. Diferentemente da literatura ficcional, em que as histórias são criadas pelo imaginário dos escritores, o jornalista literário sabe que seu desafio é mais complexo, pois está limitado pelos elementos que a realidade lhe oferece. O jornalismo literário também pode incluir técnicas líricas e poéticas, quando adequadas, mas com foco no que de fato aconteceu. As técnicas à disposição do jornalista literário são aproveitadas de um modo todo peculiar e não constituem regras a serem seguidas rigidamente. Pelo contrário, cada jornalista combina essas técnicas conforme seu estilo, sua tendência mais marcante e seu melhor domínio desse ou daquele recurso.

De acordo com Lima (2014), os primeiros passos do Jornalismo Literário foram dados no século XIX durante a cobertura de guerras, principalmente norte-americanas. Na época, o modelo predominante do jornalismo era o convencional e, devido às dificuldades de comunicação entre os repórteres e seus editores, a prática adotada era de relatar os principais acontecimentos, de maneira breve, sucinta e objetiva. No entanto, alguns profissionais não aceitavam esse modo de atuação, pois julgavam que as guerras não eram compostas apenas de fatos frios, objetivos alcançados, nem só de números. Um confronto do gênero também tinha carnificina, caos, terror, loucura, dor, morte, destruição e muito sofrimento. Por isso, quem discordava da utilização do modelo jornalístico convencional para cobrir uma guerra, afirmava que, de certa forma, os repórteres estariam traindo a verdade contextual das coisas, entregando aos leitores um retrato muito pobre e simplificado da realidade. Assim, uma maneira de tratar do tema de forma mais contextualizada, refletindo as emoções do autor, foi por meio da prática do texto literário. Um dos primeiros a fazer isso foi William Howard Russel, irlandês que escrevia para o famoso jornal inglês *The Times*. Ele, que já havia coberto a guerra da Crimeia, entre 1853 e 1856, também participou da cobertura da guerra civil norte-americana (1861 – 1865). A partir de então, com novos experimentos de outros repórteres que se aventuravam na prática do jornalismo literário na cobertura de confrontos, o estilo diferenciado cresceu significativamente em algumas cidades dos Estados Unidos e em veículos de imprensa que passaram

a dar mais espaço ao modelo, por causa do aumento do número de leitores resultante da iniciativa.

Por volta de 1940, o Jornalismo Literário passa a ser reconhecido e praticado por um número considerável de jornalistas norte-americanos, mas a nova modalidade vai se expandir pelo mundo e revolucionar as bases do jornalismo tradicional apenas nos anos de 1960 e 1970, quando surge o *New Journalism* (CASATTI, 2006). O novo estilo suscitou oposições tanto por parte de jornalistas quanto de literatos. Para Wolfe (2005), muitos profissionais da comunicação não acreditavam na veracidade das cenas narradas, dos diálogos, e achavam impossível captar o mundo com tantos detalhes. Já os literatos, até então tidos como os detentores exclusivos da arte literária, sentiram-se ameaçados.

Segundo Lima (2014), no Brasil, a primeira manifestação do Jornalismo Literário se deu com Euclides da Cunha durante a cobertura da Guerra de Canudos (1896 – 1897), ou seja, próximo do período em que Russel inaugurava o modelo na Europa. Enquanto os demais correspondentes se limitavam a acompanhar as tropas, ouvindo apenas seus comandantes e líderes republicanos que apoiavam a expedição militar, Euclides foi aos poucos abandonando as visões oficiais do episódio, pesquisando por conta própria, interagindo com os sertanejos e trazendo dramaticidade aos textos que proporcionavam perspectivas ambientais, históricas, sociais e políticas em ações defendidas por personagens tragicamente reais. Na virada do século XX, entre 1900 e 1920, um novo episódio dá continuidade a utilização do Jornalismo Literário no país. A então capital Rio de Janeiro passa por uma transformação urbana, social e cultural de grande porte. Os dirigentes do município decidem tirar o atraso que se acumulou com a Monarquia e começaram a trazer grandes arquitetos, urbanistas e artistas franceses para participar do processo de reestruturação da cidade. Pouco depois da invenção do cinema na França, o Rio passa contar com seis salas de exibições e os automóveis também começam a circular pelo local. Foi nesse período que João Paulo Coelho Barreto, conhecido como João do Rio, entra em cena no cenário cultural como mais um ícone do jornalismo moderno, abusando dos recursos da literatura no processo de produção de suas obras.

Depois de algumas décadas de recessão do Jornalismo Literário no país, surge o nome que muitos consideram como um dos principais veículos nacionais que já utilizou técnicas da literatura no jornalismo: a Revista Realidade. De acordo com Weise (2013), a Realidade foi a gênese do texto de revista no Brasil e as pessoas passaram de coadjuvantes a protagonistas nesta maneira de informar, mais aprofundada, mais técnica e lógica. Criada em 1966 pela

Editora Abril, de São Paulo, o veículo circulou até 1976 e, mesmo com apenas dez anos de publicações, vendeu milhões de exemplares. Moraes (2007, *apud* WEISE, 2013) afirma que a revista foi conhecida por ter um estilo próprio e pelo fato de abordar diversos assuntos que, na época, eram considerados tabus. O Brasil estava sob o regime militar, e a imprensa não tinha liberdade, mas a Realidade atravessou barreiras e ofereceu um padrão de reportagem até então desconhecido no país. A Revista estabeleceu um profundo vínculo social, configurando-se como um divisor de águas na imprensa brasileira.

A CIÊNCIA AOS MOLDES DO JL

Para Mora (2003), divulgar ciência não se trata apenas de uma tradução de linguagem, no sentido de verter de uma língua para outra, mas também de criar uma ponte entre o mundo da ciência e os outros mundos, pois a comunicação científica é o canal que possibilita ao público leigo a integração do conhecimento científico à sua cultura. E o Jornalismo Literário possui recursos que ajudam nessa função. De acordo com Wolfe (2005, *apud* PASSOS, 2010), o uso de cenas e o registro de diálogos reais carregam um grande potencial quando se fala em ciência, pois o leitor tem a chance de observar os pesquisadores interagindo entre si ou com o repórter/narrador, além de testemunhar a construção dos saberes por meio da descrição de como é feita a pesquisa. Mora (2003), inclusive, acredita que a divulgação é mais ligada com a literatura do que com a ciência, pois a imaginação do leitor está comprometida com a originalidade, e que abordar um tema científico através do conceito criativo da literatura, no sentido de uma forma de expressão pessoal e inovadora, deve ser o ideal da obra de divulgação. A autora afirma ainda que seja qual for o campo da ciência tratado em uma divulgação, a obra deve despertar prazer no leitor, e a responsabilidade de promover essa sensação é do divulgador. Por outro lado, a divulgação deve ser fiel à mensagem científica, no sentido de transformar sem desvirtuar, e por isso deve-se utilizar com cautela os recursos literários. Segundo a autora, a concepção de divulgação como literatura garante aceitação e permanência do conteúdo trabalhado.

Utilizar técnicas literárias em divulgações que tratam de ciência contrapõe o modelo convencional de Jornalismo Científico adotado por parte dos veículos de comunicação. De acordo com Passos, Nering e Carvalho (2008, *apud* VIEIRA, 2009), uma das críticas mais ferrenhas e unânimes ao

Jornalismo Científico é que ele simplificaria todo o processo de construção de conhecimento somente a resultados, conclusões e produtos. Assim, todos os procedimentos executados pelo pesquisador – desde metodologias aplicadas, experiências laboratoriais e de campo, tentativas e erros – até se chegar a algum resultado é descartado do texto. Essa abordagem retrataria uma imagem parcial, redutora e inexata do que é e de como age, de fato, a ciência. Diante desse cenário, o Jornalismo Literário entraria no texto científico com o intuito de valorizar o processo de construção do conhecimento, por meio do uso da narratividade, humanização, imersão, metáforização e escolha de fontes alternativas. A humanização do cientista, por exemplo, e sua transformação em personagem, ajudaria na identificação e aproximação deste com o leitor, derrubando a barreira muitas vezes existente entre ciência e público leigo, afirma VOGT (2006). Para Knorr-Cetina (1999), a narratividade, por sua vez, atrelada a esta humanização, também contribuiria para a aproximação do público com a ciência por meio da abordagem de aspectos rotineiros da produção científica, como os erros e acertos, e processos paralelos à construção do conhecimento. Além disso, mostrar o lado pessoal do cientista é extremamente importante para desmistificar a falácia de que os pesquisadores são pessoas antissociais, isoladas e enclausuradas em laboratórios. Veja um trecho que exemplifica a tentativa de passar essa mensagem aos leitores no texto “Física ao sabor de rock e cerveja”, de Stefhanie Piovezan, em que ela traça o perfil do físico Lauro Luiz Samojeden:

Nascido em 19 de fevereiro de 1958, filho de uma dona de casa e de um técnico em eletrônica, ele passou parte da infância vendo o pai arrumar aparelhos de som e televisores na oficina montada no quintal e ainda se lembra da curiosidade despertada pelas peças espalhadas. “Era a maior bagunça e, de certa forma, me motivou”, conta. Aluno de escola pública e o mais velho de quatro irmãos, ele foi aprovado na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e no decorrer do curso acabou se interessando genuinamente por Física. Ao som de Led Zeppelin e Ozzy Osbourne, concluiu a primeira etapa da vida acadêmica e, ao se formar, em 1984, descobriu que além de gostar de rock, astros e Física, também gostava de dar aulas. (PIOVEZAN, 2018)

No fragmento de texto é possível observar que a autora busca retratar características familiares, humanas e até relacionadas ao gosto musical do pesquisador em destaque, visando aproximá-lo do público por meio da construção de uma imagem mais íntima do cientista.

De acordo com Pacheco (2008, *apud* VIEIRA 2009), as figuras de linguagem, como a metáfora, também atuam como ferramenta para superar o desafio de explicar a ciência para não-especialistas. Ela é um instrumento valioso para os jornalistas científicos, dando espaço ao entendimento, excedendo o

significado estritamente literal e favorecendo a compreensão. Elas podem aparecer como comparações, analogias ou histórias, emprestando humor ou prendendo a atenção, mas sempre visando que o público melhor visualize as informações transmitidas. Outro exemplo para ilustrar a aplicação de técnicas literárias na divulgação científica é o trecho da matéria: “Descobrimo a robótica na pré-escola: crianças da creche da USP em São Carlos aprendem a montar e controlar robôs”, assinada por Denise Casatti.

Ele tem apenas quatro anos e está eufórico. Ao ver o professor na porta da sala com um robô e suas demais ferramentas de trabalho, não resiste: vai logo explorando aquela máquina com as mãos ansiosas. “Leandro, onde está o cérebro do robô?”. O garoto aponta certo para a central de comando do objeto. “E as pernas dele, onde estão?” De novo, o menino movimentava rapidamente as mãos em direção as rodas que fazem o robô andar. É segunda-feira, quase 15 horas, e as nove crianças que compõem a Turma do Vulcão, todas com quatro ou cinco anos, voltam do lanche afoitas para aprender mais sobre robôs. Não estamos em uma escola primária inglesa, onde desde o ano passado as crianças a partir de cinco anos passaram a ter aulas de programação. Estamos na creche da USP em São Carlos, a cerca de 230 quilômetros da capital do Estado de São Paulo. (CASATTI, 2015)

No texto, mais uma vez observamos a construção de cenas, que possibilitam ao leitor mergulhar no ambiente descrito, cativando sua atenção desde o início e despertando o interesse em prosseguir com a leitura.

O QUE DIZEM OS ESPECIALISTAS

A partir da pesquisa bibliográfica realizada e das entrevistas elaboradas para a produção deste artigo, muitos pontos puderam ser observados na relação entre Jornalismo Científico e Jornalismo Literário. Os dois estilos são considerados universais na medida em que podem ser utilizados na produção de material jornalístico para qualquer plataforma, seja em veículos impressos, radiofônicos, televisivos e virtuais, e na divulgação de todas as editoriais, ou seja, de qualquer tipo de notícia. Quando se trata de notícias sobre C&T, o JL pode ser um facilitador para a compreensão da mensagem. Para Edvaldo Lima, o JL possui um efeito cultural, já que atua para tornar a ciência mais conhecida e abreviar a distância entre o conhecimento científico da academia e do público em geral, por meio de histórias centradas em personagens reais, proporcionando combinações de imersão com narrativas empolgantes. O Jornalismo Literário democratiza o conhecimento sobre ciência e tecnologia, pois ele não é exclusividade dos pesquisadores, tendo em vista que produz

efeitos que afetam toda a sociedade que, por sua vez, precisa saber das implicações da ciência na vida de cada um. Além disso, a disseminação de C&T que o jornalismo literário proporciona com maior capacidade de sensibilização pode fazer dos governantes da nação mais educados e cultos sobre ciência, evitando que cometam equívocos na área durante a gestão. Segundo o autor, outro aspecto marcante sobre a influência do jornalismo literário na perspectiva da divulgação científica é sua capacidade de despertar novas vocações. Na medida que o JL mergulha na realidade da ciência, tecnologia e das pessoas que atuam no ramo, com certeza estará contribuindo para que haja uma renovação e sirva como estímulo a jovens que, talvez, nunca teriam contato com esse universo de trabalho.

De acordo com Denise Casatti, para a utilização de técnicas literárias em determinada divulgação é preciso uma apuração diferenciada, com riqueza de informação e tempo suficiente para produção do conteúdo. A imersão no tema da reportagem não necessariamente obriga o divulgador a estar presente no local de apuração de dados, desde que você tenha os olhos do outro para lhe ilustrar o que aconteceu. O Jornalismo Literário é capaz de tornar mais interessante e mais fácil de compreender um assunto que, num primeiro momento, parecia complexo, árido e pouco atraente. Para isso, contar a história de como um pesquisador começou a estudar certo tema de pesquisa e qual a relação entre o que o cientista faz e a vida cotidiana das pessoas podem ser caminhos indicados. A narrativa, por ser cativante, atrai o leitor e lhe proporciona conhecimento científico adicional, muitas vezes sem que ele perceba que aquilo é ciência. O JL é multifaces e abrange todas as esferas da sociedade. No ICMC, por exemplo, revela-se muito valorizado e tem sua qualidade reconhecida por cientistas que entendem ser um estilo diferenciado com relação ao modelo padrão praticado pela imprensa para divulgação de notícias. Os "leitores comuns", por sua vez, também elogiam as reportagens científicas com técnicas literárias, bem como os jornalistas que pedem para replicar os releases na íntegra. Denise Casatti contou que, em análise do número de cliques nas matérias no site da Instituição, observou que os textos com mais acessos na página e com mais engajamento no Facebook, geralmente, são aqueles que contam histórias de pesquisadores, por meio da utilização do Jornalismo Literário. Outro dado importante é que essas mesmas matérias são consideradas longas, fato que desmistifica a ideia de que os maiores textos são menos atraentes. É claro que quando uma pauta possui um alto valor notícia, com grande apelo midiático e social, naturalmente ela tende a emplacar, independentemente das técnicas utilizadas em sua divulgação. No entanto, o Jornalismo Literário ajuda uma notícia aparentemente sem força e impacto a ganhar destaque, utilizando recursos

que contem a história por um ângulo diferente, transformando o texto sem potencial de repercussão em retorno de mídia.

Falando em mídia, a imprensa diminuiu a resistência que possuía com essa forma de divulgação e, hoje, proporciona mais espaço para aplicação do JL, segundo Bernardo Esteves. Ele afirma que veículos com espaço para contar boas histórias, como acontece na Revista Piauí, estimulam os repórteres a produzirem reportagens que envolvam e engajem os leitores, assim como acontece quando lemos um livro que não conseguimos mais largar. Com disponibilidade de espaço, é possível colocar questões da ciência em contextos históricos, mostrá-la como algo mais processual, de trabalho coletivo, fortalecendo essa aproximação entre academia e o público não especializado. De acordo com o repórter, o feedback dos leitores comuns e cientistas sobre as reportagens científicas que usam técnicas literais é positivo, observado em comentários nas redes sociais, mensagens por e-mail e até cartas com elogios recebidas na redação da Piauí. Ainda segundo o jornalista, desde a fundação da Revista, em 2006, o número de veículos que publica textos com narrativas literárias aumentou muito e diversos portais estão abrindo a possibilidade de contar histórias mais aprofundadas, mesmo com a crise enfrentada pelo jornalismo. Em abril de 2001, resultados de uma pesquisa realizada por três instituições norte-americanas (*American Society of Newspapers Editors, Newspaper Association of America e Readership Institute*) já mostravam que as narrativas literárias realmente podem ser ferramentas importantes para atrair mais leitores, panorama que parece ter se espalhado para outros países.

Segundo esta apuração, a divulgação científica deverá crescer muito, pois ainda é recente o debate sobre a importância de divulgar ciência e tecnologia, a formação e capacitação de pessoas para a função e o fomento das agências de pesquisa em programas do gênero, como o Mídia Ciência, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Até mesmo a iniciativa privada começou a mergulhar na missão de valorizar a divulgação científica, como é o caso do Instituto Serrapilheira que, recentemente, promoveu uma chamada para interessados no tema. Em suma, a união do jornalismo literário com o jornalismo científico dá força a ambos, pois quem alia as técnicas desses dois estilos tem potencial para alcançar melhores resultados.

CONCLUSÕES

Diante da literatura pesquisada e dos depoimentos de profissionais envolvidos com Jornalismo Científico e Literário, considero o JL uma importante ferramenta que permite ao JC divulgar a ciência de forma mais atraente, leve, interessante e fácil de compreender. Por meio de suas técnicas, o Jornalismo Literário engaja o leitor fazendo com que ele mergulhe no texto que, por sua vez, lhe oferece conhecimento cultural, científico e tecnológico através da construção de uma narrativa empolgante, capaz de democratizar o acesso à informação científica. Dessa forma, o alcance da publicação naturalmente é maior, pois desperta o interesse da leitura em pessoas não familiarizadas com assuntos relacionados à pesquisa, que muitas vezes são considerados complexos. Temas encarados como abstratos, impalpáveis e de difícil entendimento podem se transformar, inclusive, em retorno de mídia com o uso de recursos literários nos textos, tomando como base a divulgação de releases por instituições de pesquisa. O Jornalismo Literário pode ser aplicado para divulgar todas as áreas da ciência e praticado em todas as plataformas midiáticas, desde veículos impressos, passando por revistas, rádios e na web. Alguns órgãos de imprensa vêm reduzindo a resistência contra a prática de técnicas literárias na divulgação científica e ampliando o espaço para seu uso nas reportagens, como podemos observar na matéria “O cientista maluco que quer que você pense como criança e viva o presente”, de Javier Cortés, do *El País*.

Os textos que utilizam a literatura para falar de ciência também contribuem para alertar os governantes do país sobre a importância da área na sociedade, evitando que tenham atitudes que prejudiquem o setor, já que muitos não são do ramo. As pesquisas ou textos científicos divulgados com recursos de JL possuem boa aceitação tanto de leitores comuns como de cientistas, o que é um ótimo sinal, já que a divulgação da ciência está em franco crescimento no Brasil. Uma análise que poderia ser proposta em um futuro estudo seria comparar o engajamento de determinado público alvo ao ler uma mesma pesquisa divulgada de duas formas distintas: uma com técnicas literárias e outra no modelo tradicional do jornalismo.

REFERÊNCIAS

- BONANNO, Lucas. *Os bastidores do jornalismo científico: Critérios de noticiabilidade que determinam a circulação da informação à sociedade*, 2015. 188f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) Universidade de São Paulo. São Paulo.
- BURKETT, Warren. *Jornalismo científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- CASATTI, Denise. *Viagem ao outro: um estudo sobre o encontro entre jornalistas e fontes*, 2006. 122f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) Universidade de São Paulo. São Paulo.
- KNORR-CETINA, Karin. A comunicação na ciência. In: GIL, F. (org.). *A ciência tal qual se faz*. Lisboa: João Sá da Costa, 1999.
- LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Átila, 2006.
- LIMA, Edvaldo. *Jornalismo literário para iniciantes*. São Paulo: EDUSP, 2014
- LIMA, Luiz Carlos. *Jornalismo científico: Análise da superinteressante e suas tendências atuais*. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/14843678-Jornalismo-cientifico-analise-da-superinteressante-e-suas-tendencias-atuais-20-04-2008.html>>. Acesso em: 9 out. 2018.
- MORA, Ana Maria. *A divulgação da Ciência como Literatura*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003
- NICOLATO, Roberto. *Jornalismo e Literatura: aproximações e fronteiras*. Site Portcom. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/9436889836084530327712814615574213993.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2018.
- OLIVEIRA, Fabiola. *Jornalismo Científico*. São Paulo: Contexto, 2002.
- PACHECO, Carolina. *As metáforas no Jornalismo Científico: análise das Revistas Superinteressante e Galileu*. In: Revista Eletrônica Temática. 2008. Disponível em: <<http://www.insite.pro.br/2008/23.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2018.
- PASSOS, Mateus; NERING, Érica; CARVALHO, Juliano. *Ciência em construção e jornalismo literário: as montanhas de Pi*. E-Compós (Brasília), v.11, n.3, p.14, 2008.
- PASSOS, Mateus. *Jornalismo literário: representações de ciência e tecnologia no science writing norte-americano*. Site Intercom. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2907-1.pdf>>. Acesso em 19 nov.2018>. Acesso em: 18 nov. 2018.
- PERCEPÇÃO PÚBLICA DA C&T NO BRASIL 2015. Disponível em: <<http://percepcaocti.cgee.org.br/>>. Acesso em: 21 nov. 2018.
- VIEIRA, Maria Carolina. *Narratividade e metaforização: jornalismo literário na revista superinteressante*. Disponível em: <[http://www2.faac.unesp.br/pesquisa/lecotec/eventos/lecomciencia2009/anais/380-394\(Vieira\)Humanizacao_e_metaforizacao.pdf](http://www2.faac.unesp.br/pesquisa/lecotec/eventos/lecomciencia2009/anais/380-394(Vieira)Humanizacao_e_metaforizacao.pdf)>. Acesso em: 9 out. 2018.
- VOGT, Carlos. *Cultura científica – desafios*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2006.
- WEISE, Angélica. *Para compreender o jornalismo literário*. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/_ed730_para_compreender_o_jornalismo_literario/>. Acesso em: 9 out. 2018.

WOLFE, Tom. *Radical chique e o novo jornalismo*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.